

OLHAR SOBRE PRÁTICA DE LEITURA E DE ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

Manoel Guilherme de FREITAS. Prof. Ms. Escola Estadual “Professora Maria Edilma de Freitas”. Mguilhermedefreitas@hotmail.com.

I JUSTIFICATIVA

Este artigo é resultado do ensino na de sala de aula, a partir das discursões, bem como da prática enquanto professor de educação básica da rede pública de ensino do Estado do Rio Grande do Norte, da XVDIRED, de Pau dos Ferros-RN, especialmente no que tange ao uso da leitura e da escrita do ensino médio.

Para tanto, não se limitará a todas as especificidades deste ensino, mas as que estão diretamente condicionadas à formação do leitor, senão também a produtores de texto da língua. Nesse sentido, retroalimentaremos em autores renomados, bem como em concepções de ensino, de texto e de discurso modernos, que deverão consubstanciar a formação do professor em um contexto plural de ensino especificadamente.

II OBJETIVOS

- Compreender a leitura e a escrita dos alunos à luz de práticas não silenciadas de leitura e de escrita num contexto plural.
- Entender a escrita como um processo autorreflexivo, a partir da intervenção do professor no *locús* de sala de aula.
- Analisar a leitura e a escrita como complementares e correlatas e não estanques.
- Diagnosticar as políticas de leituras e de escrita como condicionantes à formação do professor.

III RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS

A partir da prática efetiva de sala de aula, que conhece a realidade, procurando-a intervir na busca da melhoria do processo ensino aprendizagem, através da leitura e da escrita plurais, consubstanciadas no pensar e no agir sobre a linguagem de maneira crítica e reflexiva, de forma que os alunos apropriem do conhecimento em situações reais do processo ensino aprendizagem deles.

Dessa forma, requer novas estratégias didáticas pedagógicas, novos recursos didáticos, especialmente os ligados a mídia virtual, impressa, ou mesmo audiovisual, a saber: o filme, o áudio, a projeção, gêneros textuais diversos, revistas, o livros, aulas de campo, dentre inúmeros outros.

IV REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Texto é sentido, logo significação por parte do leitor. Nesse sentido, tudo que se escreve é texto? Por que há, então, textos incompreendidos? Neste contexto, o que nos fala literaturas especializadas de leitura e de escrita? Muitas são as veredas, contudo faz jus buscar definições/aplicações didático-pedagógicas concernentes ao processo no ensino-aprendizagem.

Assim sendo, a escrita e a leitura deve ser o centro do processo ensino-aprendizagem numa escola que vise à qualidade de seus alunos. Acerca da leitura na formação do leitor, Freire (1995, p. 11) reforça que “a leitura da palavra precede ade mundo, não se pode, conceber, uma, sem necessariamente, a outra”. Ou seja, não separa o ato da leitura e da escrita da vida, do contexto social desses alunos, o que frequentemente se dá nas escolas, pois são políticas de selecionamentos, estanques, sem sentido para eles.

No que tange a escrita em análise, centraremos na composição escrita do parágrafo produzido pelos alunos. Inicialmente, Garcia (1978, p. 203) menciona sobre o parágrafo dizendo que “é constituído por um ou mais períodos curtos iniciais, em que se delineia uma ideia central, ou núcleo, seguida de outras secundárias”. Assim sendo, a maioria dos textos

escritos na nossa língua obedece este modelo. Mas, será que esse olhar é mostrado nas aulas de língua Portuguesa?

Foi pensando neste olhar pedagógico freiriano, que propusemos ler e a observar a escrita desses sujeitos, a partir de recortes de alguns parágrafos Assim, selecionamos os temas: *Preconceito na sociedade, Seca, Copa do mundo no Brasil, Gravidez na adolescência, O menino de ouro, A tecnologia*. Para tanto, ofertamos subsídios de leituras e de escrita direcionados aos temas propostos, de maneira que pudessem ler e tomar decisões inerentes ao processo exigido de escrita.

Para tanto, essa escrita não sobrevive mais sem as noções de texto, que consubstancia na de coesão e na coerência textuais. Mas, tais noções são necessárias ao processo de escrita ajudando-a a tecer, a ajustar, a sistematizar as ideias, possibilitando assim, o contato com o universo teórico entre os sujeitos. Assim sendo, é crucial ler, organizar ideias, sistematizá-las. Neste caso específico, vendo os operadores argumentativos como mecanismos de ajustes coesivos nos textos. Acerca deles, Koch (1993, p.104-105) define:

Os operadores argumentativos são elementos linguísticos que servem para orientar a sequência do discurso, isto é, para determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, tornando-o coeso e contribuindo para a construção de sua coerência. Nesse sentido, constituem marcas linguísticas importantes da argumentação.

Assim sendo, eles são que ligam, dão continuidades as ideias num contínuo lógico e sintático. Nesse sentido, é fundamental o leitor perceber as diversas relações internas do texto, que estabelecem, ajudando assim, na compreensão, sentido deles, sendo-os indispensáveis à leitura e a decifração do código impresso.

De acordo com este pensar, observamos que os textos são constituídos de ideias centrais e secundárias. Contudo, depende da competência textual do produtor para compor seus textos, segmentá-los, também, em parágrafos. Ainda assim, o professor deve adotar políticas de leituras transformadoras nas salas de aula, ou seja, trazer diversos gêneros textuais, de forma que os alunos vivenciem conceitualmente tais leituras, sem que lhes imponham modelos dela e de escrita estanques, distante da realidade dos sujeitos.

Logo, os textos, na sua grande maioria, apresentam-se divididos em parágrafos, isso é fundamental o professor enfatizar nas aulas de Língua Portuguesa, sua estrutura, modelos mais utilizados. Acerca dele, Andrade & Henrique (1992, p.28) definem:

O parágrafo é a unidade de composição do texto que apresenta uma ideia básica à qual se organizam e agregam ideias secundárias, relacionadas pelo mesmo sentido. Em geral, a cada parágrafo, desenvolve-se uma ideia importante. Em relação a extensão é variável, podendo conter apenas uma frase ou até mesmo alongar-se por uma página inteira.

Portanto, é um modelo padrão de definição, então, é esperado que tais leituras sejam construídas nas salas de aula, para que os alunos apropriem deste conhecimento escrito enquanto prática significativa de escrita escolar. Aqui, os textos em análises foram de alunos do 2º ano do ensino médio, sendo que apresentaram problemas na sua argumentação através d uso de tais operadores argumentativos.

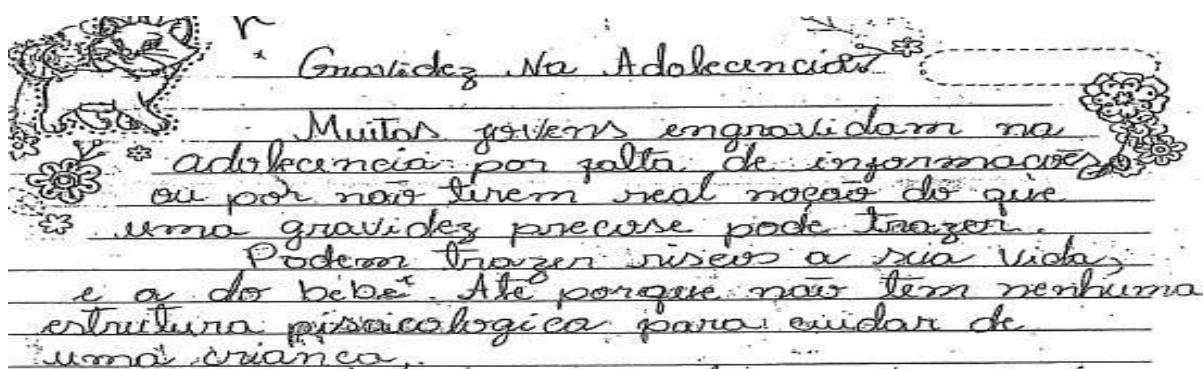
Dessa forma, um olhar sobre a escrita dos sujeitos, percebemos que chegaram até a usar os parágrafos, porém desconectados. Assim sendo, foi possível notar que nem todo aluno domina essa estrutura, mostrando assim que têm deficiências na leitura e na escrita da referida escola. Somado a isso, tais textos trazem problemas elementares através das repetições dos enunciados: *animais, água, municípios*, bem como transcrições erradas das palavras: *Pasado, águar, nemnhum*, sem deixar de mencionar a coerência ficou prejudicada, consoante à transcrição:

SECA

O QUE ESTAMOS USANDO COMO SECA? ESTAMOS PASADO POR UMA SITUAÇÃO MUITO PRECÁRIA, NO NOSSO MUNICÍPIO E AÍ NOS DEMAIS MUNICÍPIOS, ESTÁ FALTANDO ÁGUA PARA OS ANIMAIS E AÍ PARA AS PESSOAS. OS ANIMAIS ESTÃO MORRENDO DE SEDE E DE FOME POR QUE NÃO TEM ÁGUA PARA ÁGUAR OS PASTOS E OS DONOS NÃO TEM RECURSOS DE NENHUMA MANEIRA PARA COMPRAR NADA PARA OS COITADOS ANIMAIS

Neste contexto, foi fundamental redimensionar as práticas cotidianas de leituras e de escritas nos textos dos discentes para que possam apropriar da modalidade escrita de maneira significativa. Para tanto, a figura do professor deve ser condicionante a sua melhoria. Por conseguinte o uso desta nas diversas situações plurais de que o sujeito-aluno participa, sendo mediado pela/na linguagem social desses sujeitos.

Nesse sentido, o texto: *Gravidez na adolescência*, apresentou maior consistência referente à escrita, conforme à transcrição:



Aqui, foi possível perceber desvios formais na escrita, mas dentro da faixa etária e do grau de escolaridade esperados dos alunos, a saber: erros de acentuação em: *adolescência*, *psicológico*. Contudo, foi diretamente ao tema proposto, conseguindo defender o ponto de vista racional e consistente.

Portanto, leitura e a escrita são essenciais ao desenvolvimento da cidadania dos alunos nas escolas públicas. Contudo, exige leitura, tempo, disponibilidade por parte do professor, desde que este ofereça pluralidade de gêneros textuais voltados à superação das deficiências existentes.

V RESULTADOS

Foi com base na leitura e na escrita realizadas por oito alunos e partindo da análise de seus textos, percebemos que a escrita e a leitura foram realizadas com deficiências várias.

Ainda assim, os alunos já começaram a produzir seus textos. Neste caso, apresentaram dificuldades no tocante ao uso da expressão escrita, o que remete a falta de leituras plurais na escola. Para tanto, precisa diversificar a pluralidade de leituras e escritas vigentes.

Contudo, estes resultados não podem ser vistos com definitivos, especialmente, se os professores intervir na busca de melhoria do processo ensino aprendizagem, assim faz necessário rever novas concepções de sujeitos, de sociedade, senão também de ensino para que as mudanças pretendidas possam acontecer com naturalidade sempre, sem que recorramos a pedagogias laicas de ensino distorcidas das angústias e das necessidades do ensino de sujeitos diferentes em aprendizagens e acessibilidade a este ensino.

VI AVALIAÇÃO

Portanto, independente do gênero escrito, é fundamental que as políticas de leitura e de escrita sejam norteadoras de um pensar social sobre a língua, que sejam voltadas às transformações desejadas na sociedade plural, através da melhoria do processo ensino-aprendizagem dos sujeitos, via as transformações didático-pedagógicas existentes.

Neste pensar, este olhar sobre a leitura e a escrita não pode ser estanque, distante dos sujeitos, já que serão fundamentais as vozes, as interações enquanto produções e leituras reais da língua, logo deverão estar alicerçadas em práticas reais, discursivas/interlocutivas, sem que estejam voltadas ao desenvolvimento de competências dos sujeitos assistidos pelo o processo ensino aprendizagem reais da língua.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**. 21ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

GARCEZ, Lucélia H. do Carmo. **Técnica de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.10.

GARCIA, O, M. **Comunicação em prosa moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV,1978, p.203.

KÖCHE, V. S., BOFF, O. M. B., PAVANI, C. F. **Prática: atividades de leitura e escrita**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Foto 1: Recital de poesias.



Foto 02- Leitura e produção virtual.

